KAIOWÁ

um povo que caminha

Responsabilidade: ISAEC/DAI – COMIN

Organização: Cledes Markus

Autoria dos textos e desenhos:
Leonilda Ricarte, Vale Ortiz, Catalina Rodrigues de Souza, Renata Castelão, Eliel Benites, Elisabete Fernandes, Leia Pedro, Huto Vera, Analisa Bull, Rudino Vera, Ana Vera, Edson Vera, Jonatas Duran, Amálio Gonçalve, Adriano Morales, Andreza Araújo, Claudemiro Lescano, Valdelice Veron Xamiri Nhupoty, Natanael Vilharva Cáceres Avapyranga, Misael Conclarza Jorge, Valdomiro, Nailton Aquino, Aida Silva, Ambrósio, Antonio Dari Ramos, Graciela Chamorro e Andérblo Martins

Terras Indígenas envolvidas:
Proximidades dos municípios de Sanga Pytã e Laguna Carapã; Reserva Indígena de Caarapó – Caarapó; Aldeia Campestre – Antonio João; Terra Indígena Paraguasu e Reserva Indígena de Pirajuí – Paranhos; Reserva Indígena Takuapery – Coronel Sapucáia; Aldeia Jaguapiru, Terra Indígena Panambizinho, Missão Evangélica Caluá e Reserva Indígena de Dourados – Dourados; Terra Indígena Guyraroka – Caarapó; Terra Indígena Takuára – Juti; Terra Indígena Panambi/Lagoa Rica, Acampamento Itay Ka'aguyrusu, Acampamento Guyra Kambly – Douradina; Acampamento Laranjeira Nhanderu – Rio Brilhante; Terra Indígena Porto Lindo – Japora

Elaboração didático-pedagógica:
Ires Lausmann Klein, Edson Ponick, Graciela Chamorro, Renate Gierus, Lori Altmann, Maria Dirlane Witt, Maria Eunice Jardim Schuch e Cledes Markus

Diagramação: Allegra Comunicação
Capa e cartaz: Juliana Nascimento

Fotografias:
Arquivo do COMIN; Arquivo de Indígenas Kaiowá (Waldomiro Aquino e Valdelice Veron); Arquivo do CIMI-Dourados; Arquivo de Katya Vietta (Acervo Escola Pa'i Chiquito Pedro, TI Panambizinho)

Impressão: Impressos Portão

Realização: COMIN em parceria com Secretaria de Formação da IECLB

Apoio: Kerkinactie da Holanda, Kirchen Helfen Kirchen da Alemanha

Tiragem: 35 mil exemplares

ISBN: 978-85-7843-289-8

Editora Oikos Ltda., Rua Paraná, 240 / B. Scharlau / Cx.P. 1081 / 93121-970 São Leopoldo/RS
Tel.: (51) 3568.2848 / contato@oikoseditora.com.br / www.oikoseditora.com.br

2013

APRESENTAÇÃO

Amigo e Amiga!

O caderno da Semana dos Povos Indígenas de 2013, com o título "Kaiowá: um povo que caminha", tem como tema a cultura e a história de lutas e desafios deste povo.

No Mato Grosso do Sul vivem dois grupos indígenas falantes da Língua Guarani: os Kaiowá e os Nhandéva. Neste caderno, a ênfase é dada aos Kaiowá, mas hoje em dia, em muitas comunidades os dois grupos estão misturados, apresentando-se como Guarani-Kaiowá.

O povo Kaiowá vive em diversas aldeias e acampamentos, tendo em comum uma profunda relação e convivência com a terra. A busca de um território, no qual possam viver conforme seus costumes, criar o sustento e conviver com toda a criação é um dos aspectos centrais da sua caminhada.

Para os Kaiowá, a terra tradicional onde viviam foi-lhes dada por herança pelo Ser Criador, Nhanderu. Por isso, eles têm o compromisso de cuidá-la e protegê-la. A sabedoria deste povo é fonte de aprendizagem e sua caminhada incentiva à solidariedade e ao engajamento.

A primeira parte do caderno é elaborada para crianças. A segunda volta-se para o público juvenil, servindo também como fonte de informações para as pessoas que irão orientar e animar as reflexões. A terceira parte traz orientações pedagógicas de como trabalhar de forma didática e contextualizada com o caderno e o cartaz.

Os textos na íntegra, os desenhos elaborados pelos Kaiowá, bem como informações complementares, podem ser encontradas no site www.comin.org.br.

KAIOWÁ:
UM POVO QUE CAMINHA

O povo Kaiowá vive no Mato Grosso do Sul, em diversas aldeias e vários acampamentos. Este povo tem uma relação muito forte com a terra. Veja abaixo, como tudo começou.

A CRIAÇÃO DO MUNDO

Para os Kaiowá, a terra foi criada porque o Ser Criador, Nhanderu, precisava de um lugar para apoiar os seus pés. Ele esticou a terra aumentando o seu tamanho para que todas as pessoas também tivessem um lugar onde apoiar os seus pés, viver conforme seus costumes, criar o sustento e visitar-se. Foi caminhando que as primeiras pessoas da terra encontraram os animais e as plantas, deram-lhes nome e conviveram com eles.

TI Panambi/Lagoa Rica – Douradina/MS

Misael Concaiça Jorge

A IMPORTÂNCIA DOS PÉS

A história da criação orienta todo o modo de ser Kaiowá. Os pés têm uma importância muito grande neste relato, assim como nas danças e na celebração. Os pés lembram que o Kaiowá é um povo que caminha em busca da terra boa, deixada por Nhanderu, para morar.

O relato de como tudo começou é contado, sempre de novo, nas celebrações e nas festas, como por exemplo, na festa do milho.

TI Panambizinho – Dourados/MS

Acampamento Itayvary Ka'aguyrusy – Douradina/MS

FESTEJAR COM OS PÉS

A festa do milho é chamada *Avatikyry*. Os versos da história da criação são cantados enquanto se caminha num ritual longo que dura muitas horas.

Dona Leonilda Ricarte, Guarani Nhandéva, com 87 anos de idade, moradora na região Sakã Pytã, diz: "Contar e recontar traz boas lembranças, orienta para conviver bem nos dias de hoje e nos anima a lutar pela terra".

Na festa do milho os Kaiowá ouvem a boa palavra uns dos outros e vivenciam a sua cultura. Cantam e dançam ao som dos maracá ou *mbaraka*, tocados pelos homens, e dos bastões de taquara ou *takua*, tocados pelas mulheres.

TI Takuára – Juti/MS

TI Panambizinho – Dourados/MS

Os **adornos** que usam são alegres e coloridos. E são de muitos tipos: colares, cocares, pinturas corporais e enfeites labiais. Dona Leonilda fala: "Os enfeites antigamente eram feitos só de penas de aves, fibra de guaimbé, caraguatá e cera de abelha; hoje são usados, entre outros, linhas coloridas e fios sintéticos".

E ela continua: "Algumas pessoas entre os Guarani mais velhos, ainda usam o *petyngua*, cachimbo, e acham agradável o aroma do tabaco."

Um grupo de mulheres anuncia: "A nossa bebida feita do milho está pronta. Também trazemos mandioca, batata doce e abóbora". O sol já está se pondo e ouve-se a música. O líder religioso canta os versos. E a cerimônia continua. Agora todas as pessoas, também as crianças, cantam e caminham, repetindo os versos.

TI Panambizinho – Dourados/MS

Descubra as sete diferenças

Vestes e adornos do Povo Kaiowá

TI Panambizinho – Dourados/MS

AS CELEBRAÇÕES E AS REZAS

Para os Kaiowá, as celebrações são momentos importantes que lembram sempre de novo o seu modo de ser. O líder Ambrósio Vilharva comenta:

"A expulsão de nossas terras interrompeu muitos momentos de reza. Precisamos continuar nossas rezas. Elas são necessárias para o retorno à terra. E o retorno para as nossas terras fortalecerá o nosso modo de ser Kaiowá."

O milho, *Avati*

Para o povo Kaiowá, o milho é uma planta deixada por Deus para o seu povo. Por isso, os Kaiowá se identificam muito com ele. Acreditam que se esta planta desaparecer, então o povo Kaiowá também desaparecerá. Quando as famílias mudam de aldeia, sempre levam consigo sementes de milho. Elas ficam sob os cuidados das mulheres, guardiãs das sementes. Nas aldeias, o plantio, os cuidados, a colheita e o consumo do milho são ritualizados.

O FOGO

O fogo é muito importante na casa Kaiowá. Ele é usado para preparar os alimentos. Nas noites frias ou em caso de doenças, é mantido aceso embaixo de cada rede. Contam que antigamente os indígenas levavam em suas viagens brasas vivas em vasilhas de barro.

A IMPORTÂNCIA DA TERRA

Acampamento Itayvary Ka'aguyrusu – Douradina/MS

A TERRA COMO MÃE

O povo Kaiowá considera a terra muito importante.

Um grupo de estudantes universitários conta:

"Nós Guarani e Kaiowá respeitamos muito a terra. Ela nos dá lugar para morar e para plantar de tudo. Nós a engrandecemos como a nossa mãe. Por isso nós zelamos por ela. Quando vamos usar a terra, nós perguntamos a ela através de orações se podemos plantar nela as sementes; depois pedimos para ela que faça brotar bem o que nela plantamos."

A TERRA NO PASSADO E HOJE

Catalina Rodrigues de Souza, da Aldeia Te'yikue, município de Caarapó, MS, conta sobre a história de sua Aldeia: "No início tudo era mato fechado, com muita caça e pesca. Havia muita união e respeito entre as pessoas. Os meninos eram ensinados pelos pais e as meninas pelas mães."

Dona Catalina lembra que depois tudo mudou:

"Os ervais nativos e as matas de peroba e outras árvores começaram a ser derrubados por fazendeiros para dar lugar ao plantio de cana-de-açúcar. Hoje, a qualidade das terras não permite mais que as famílias vivam da agricultura, da caça e da pesca. O trabalho duro nas plantações de cana-de-açúcar se tornou uma necessidade de sobrevivência. Dos canaviais os indígenas saem esgotados."

UM POVO QUE CAMINHA

TI Panambizinho – Dourados/MS

O Kaiowá é um povo que muda muito de lugar. Há diferentes motivos para esta mudança. Ela pode acontecer porque um grupo quer morar e celebrar com outros parentes em outro local. Esta caminhada faz parte da cultura Kaiowá. Mas há também a caminhada forçada. Aquela que o povo sofre quando é expulso de suas terras e levado para outros lugares. Esta caminhada espalha as famílias.

O TEKOHA

Tekoha é o espaço bom para morar. Ele inclui o lugar das casas, da caça, da pesca, da coleta e da roça. É o lugar onde se lava roupa e se toma banho. É também o lugar da mata e dos caminhos que unem as famílias.

Um lugar importante no *Tekoha* é a casa de reza, chamada de *ogusu*.

Adriano Morales, Guarani Nhandéva, da Aldeia Pirajui do município de Paranhos, afirma:

"Para nós Guarani-Kaiowá, o *Tekoha* é o lugar onde moramos com nossos familiares, onde nos sentimos em casa, protegidos. É o lugar que nos sustenta. Não há outro igual. Quando a gente tem que sair por um tempo, sempre sente saudade e quer voltar logo para o *Tekoha*."

Mas nem todos os Kaiowá tem um lugar bom assim para morar onde possam se sentir abrigados e protegidos. Muitas famílias ainda vivem longe de seu *Tekoha*.

Acampamento Laranjeira Nhanderu – Rio Brilhante/MS

Devido à falta de terra famílias moram em mais de 30 acampamentos à beira de estradas, perto das fazendas e nas periferias das cidades. Assim, a caminhada do povo Kaiowá em busca da terra boa para morar ainda continua.

HISTÓRIA SOBRE O MILHO

O modo de ser Kaiowá é vivido todos os dias e apresenta muitas marcas importantes. Uma delas está ligada ao milho.

Vale Ortiz, de 68 anos, da Aldeia Te'yikue, conta como surgiu o milho:

"No início quando começou a existir o milho foi assim: uma mulher vivia sozinha perto de uma floresta. Ela não gostava que chegassem perto dela e de sua casa. Certo dia nosso pai criador Nhanderu chegou na casa dela. Ele chamou a mulher que estava dentro da casa. Ele viu a situação daquela mulher: a pele dela estava cheia de coró. O corpo inteiro estava empesteado. Nosso pai Nhanderu falou-lhe: A partir de amanhã, você se guardará por dois dias. Depois você começará a brotar e se chamará milho. De você os povos terão várias utilidades. Assim, nasceu o milho e até hoje os Kaiowá o cultivam."

No modo de ser Kaiowá, outra marca importante é a língua.

Veja a seguir a história do milho na língua Kaiowá

Avati Moroti

Avati ñeypyrũ héra araka'e avatindymbyry, ha'e petei̇̃ kuñagui ou. Oiko araka'e petei̇̃ kuña ka'aguy guasu kótapy há ndoipotái maavéva oja hese, ndoipotái avave oguahẽ hógapy. Petei̇̃ ára Tupã Ñanderu vusu katu oguahẽ upe óga ha'eñomi oĩva ka'aguy kótapy. Tupã ohenõi pe kuña oĩva kotýpy. Ha'e osẽ kotýgui. Tupã oikuaáma voi mba'eichaguápa pe kuña. Oikuaa ha'e petei̇̃ pehẽngue hasopaha hetére, ipire guýre. Tupã Nhanderu he'i upémarõ ichupe: "Ereñeñongatuta. Mokõi ára rire nde resẽta ha upéi nde rokýta, upe rire henõita nde retére avati ha umi ne pehẽngue kuéra ojapóta heta mba'e nde hegui". Upéicha araka'e avati ñeypyrurã oiko ha ko'anga peve guarãicha Kaiowá oñoty ichupe.

Ñeypyrurã ko'anga peve guarãcha kaiowa oñoty ichupe.

ALIMENTAÇÃO KAIOWÁ

O milho é muito apreciado como alimento pelo povo Kaiowá. Existem diversas formas de prepará-lo: assado, cozido, ralado, triturado. Também fazem farofa, mingau e uma bebida.

Adriano Morales explica como preparar um prato típico à base do milho:

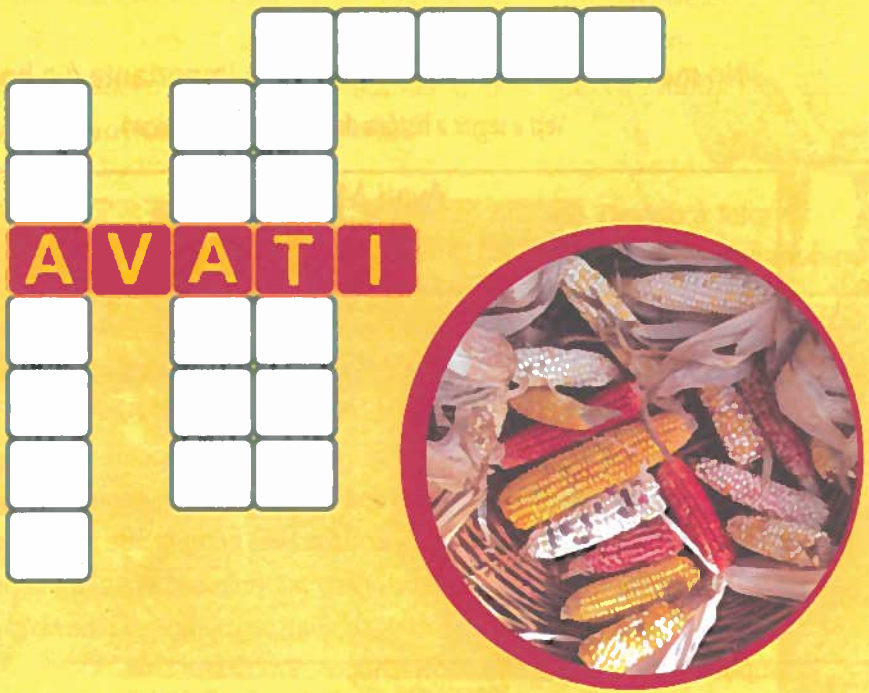
Farofa de milho

Ingrediente: milho amarelo.

Modo de fazer: Torrar o milho numa panela, deixar esfriar. Socar no pilão até ficar bem moído. Passar na peneira. Pode-se comer com ou sem sal.

Atividade:

O povo Kaiowá cultiva uma grande diversidade de espécies de milho. Descubra e escreva nos quadros algumas cores do milho!



DIVERSIDADE DE ALIMENTOS

Antigamente o povo Kaiowá tirava a maior parte do seu sustento da mata. Sua alimentação era baseada em produtos de caça, pesca, coleta e da roça.

Valdomiro e Nailton Aquino, da Aldeia Panambizinho, de Dourados, dizem:

"Com exceção de frutas e mel, os Kaiowá sempre comeram suas comidas cozidas, moqueadas ou grelhadas. Tinham panelas de barro grandes e pequenas. Não usavam sal. Comia-se comida quente no meio da manhã e no meio da tarde."

Renata Castelão, da Aldeia *Te'ýikue*, de Caarapó, fala sobre a alimentação atual:

"Boa parte das comunidades ainda cultiva as plantas tradicionais, processa os alimentos e prepara os pratos como antigamente. Mas a alimentação mudou muito. Diversos alimentos já são comprados no mercado. As comunidades não produzem mais o suficiente, porque a terra não é suficiente."

TI Panambizinho – Dourados/MS

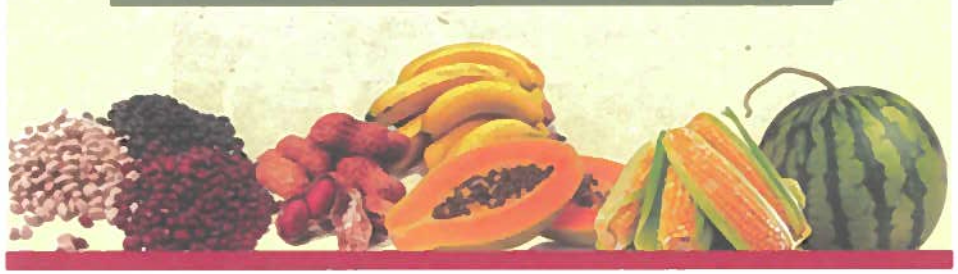
ATIVIDADE

Os Kaiowá têm uma diversidade de plantas que cultivam e utilizam na alimentação.

Circule, no quadro abaixo, alguns desses alimentos em português.

Milho (avati) 10 tipos – Feijão (*kumanda*) 14 tipos – Batata (*jety*) 8 tipos – Mamão (*mamóny*) 3 tipos – Melancia (*sandia*) 7 tipos – Mandioca (*mandi'o*) 13 tipos – Arroz (*arro*) 8 tipos – Amendoim (*manduvi*) 4 tipos – Pipoca (*pinchiga*) 5 tipos – Banana (*pakora*) 5 tipos.

P	Z	G	O	M	H	B	C	O	S
I	O	Q	A	I	C	A	G	H	M
P	R	M	E	L	A	N	C	I	A
O	R	E	A	H	E	A	S	X	M
C	A	V	N	O	I	N	P	Q	Ã
A	O	X	E	U	M	A	G	H	O
N	J	M	A	N	D	I	O	C	A
B	A	T	A	T	A	V	S	T	L
V	J	M	I	O	D	N	E	M	A
R	X	O	Ã	J	I	E	F	I	U



VIDA DE CRIANÇA

As crianças Kaiowá são bem acolhidas em suas famílias. Adultos e crianças sempre estão juntos nas atividades diárias, nas celebrações e nas brincadeiras. Adriano Morales fala de algumas brincadeiras das crianças.

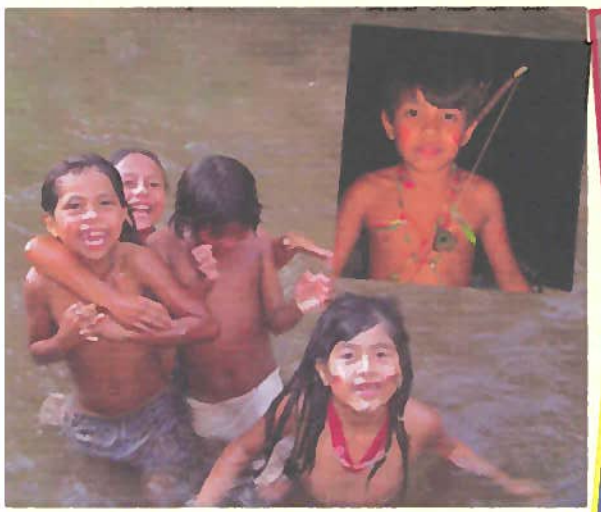
Brincadeiras na água: correr e nadar num lago ou rio é muito apreciado. Na brincadeira "guerra na água", duas crianças ficam frente a frente, jogando água no rosto com as mãos. Quem não aguenta e deixa a luta, perde o jogo.

Construindo a casa da comunidade: quando as crianças chegam à beira do rio, cada criança amontoa areia sobre o pé, até ficar uma construção bem firme. Quando tiram o pé, está pronta a casa da comunidade, com a porta aberta.

Fazendo brinquedos com argila: as crianças fazem pequenas figuras, representando os familiares e os animais conhecidos.

Nas escolas, além dos jogos tradicionais, as crianças entram em contato com outros jogos e brinquedos.

TI Panambizinho – Dourados/MS



TI Takuára – Juti/MS

A HISTÓRIA DA RAPOSA

As crianças também gostam de ouvir histórias.
O Sr. Rufino Verá nos conta a história da raposa:

"Um dia eu estava andando numa trilha cruzada. Isso foi numa manhã. Naquela hora ninguém andava por ali. Eu estava catando lenha para levar para casa.

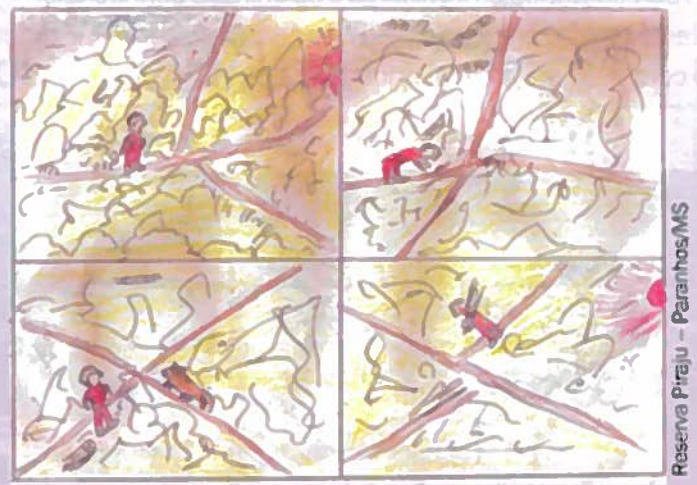
Naquela hora ainda não havia ninguém fora de sua casa. Eu estava sozinho naquele local, catando lenha naquela trilha.

De repente, escutei duas pessoas cantando e vindo em minha direção. Eu levantei a cabeça para ver quem era, mas eu não vi ninguém.

Mas sempre continuavam cantando e já estavam perto de mim. Aí eu fiquei quietinho. De repente, apareceu uma raposa onde eu estava.

E eu virei e falei: – Então é você que está cantando?

E a raposa se assustou, pulou e sumiu."



Reserva Piraju – Paranhos/MS

EDUCAÇÃO ESCOLAR

Cada aldeia tem uma escola, na qual as professoras e os professores indígenas ensinam a ler e escrever. Também ensinam a língua, a história e o modo de ser Kaiowá. As crianças aprendem danças, cantos e brincadeiras e o preparo dos alimentos no dia a dia.

O POVO KAIOWÁ E SEU TERRITÓRIO

O nome "Kaiowá" deriva de *Ka'aguá*, que quer dizer "procedente (*guá*) da mata (*ka'a*)". Os Kaiowá, juntamente com os Ñhandéva e os Mbyá, fazem parte dos subgrupos Guarani. Esta divisão em três subgrupos se justifica por diferenças, sobretudo, linguísticas, mas, também, por peculiaridades.

Tradicionalmente, os Kaiowá ocupavam parte do Paraguai, da Bolívia, e do atual Mato Grosso e do Mato Grosso do Sul. Neste território viviam em liberdade, conforme o seu modo de ser.

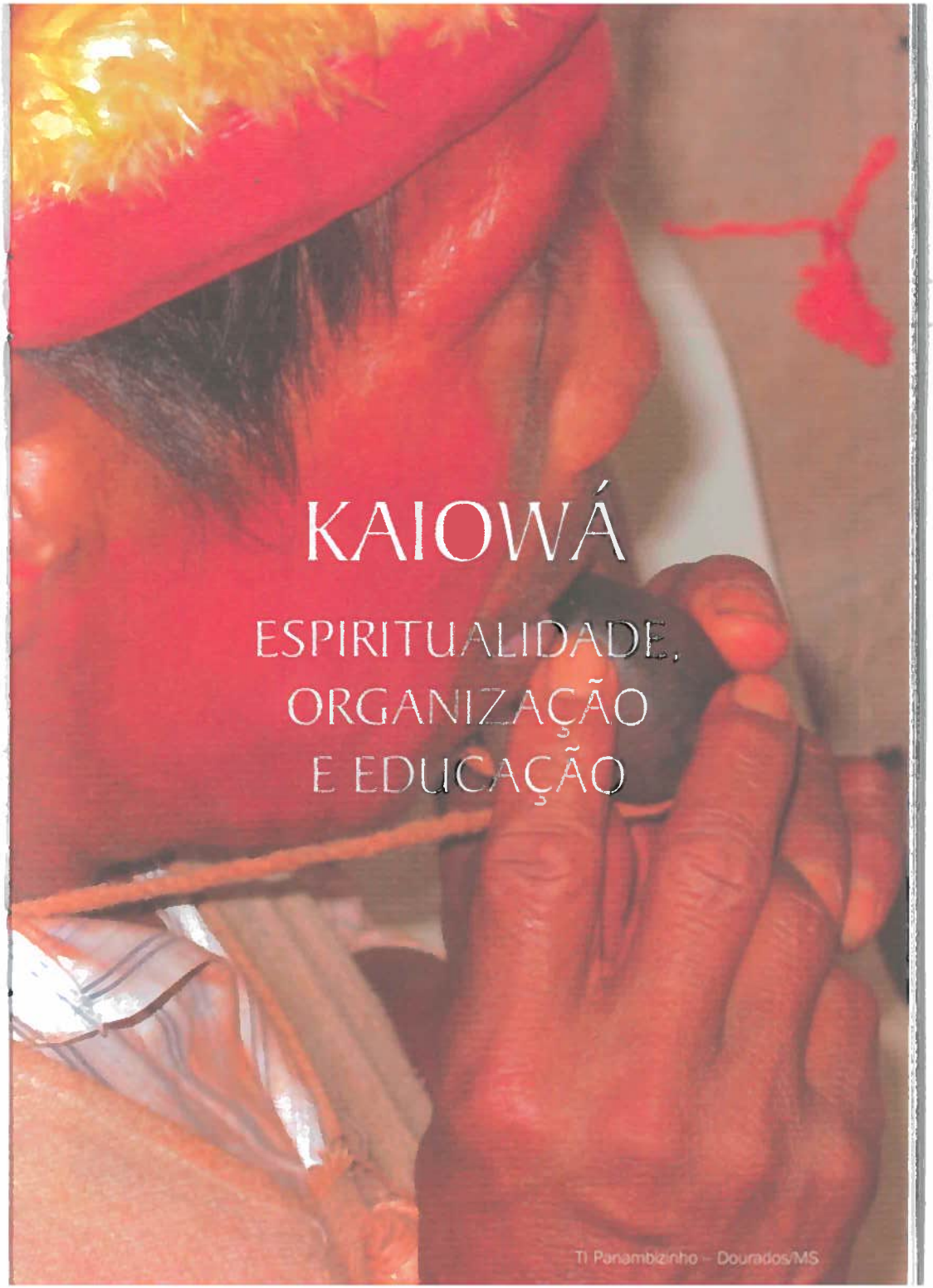
O POVO KAIOWÁ
e sua história

Como vimos, inicialmente os Kaiowá ocupavam parte do atual Paraguai, da Bolívia, do atual Mato Grosso e o Mato Grosso do Sul. Os jesuítas tentaram catequizá-los durante trinta anos no século XVII, mas atacados pelos bandeirantes, desistiram. Os bandeirantes ficaram na região por quase duzentos anos, levando milhares dos Ka'aguá como escravos para São Paulo e Rio de Janeiro.

Por causa desses e de outros ataques, muitos grupos se deslocaram em direção ao sul, chegando aos atuais estados de Paraná e São Paulo. A guerra entre Brasil e Paraguai (1864-1870) fez com que mais Kaiowá migrassem para o sul e para o leste do Brasil. Os que ficaram no atual Mato Grosso do Sul se concentraram no sul do Estado (como pode se ver no mapa), trabalhando, em condições muito precárias, nas ervateiras e nas fazendas. Este tempo é lembrado pelas epidemias e pela desorganização social ocorridas. À Missão Evangélica Caiuá (1928-) coube, sobretudo, atender as vítimas de tuberculose.

O Serviço de Proteção ao Índio (SPI) demarcou, de 1915 a 1928, oito reservas para os Kaiowá e Guarani. Elas logo se mostraram insuficientes para a quantidade de indígenas na região e para a forma de ocupação Kaiowá da terra. Desde fins dos anos 1970, os Kaiowá reagem a essa situação, reivindicando as áreas ocupadas pelos seus avós. Disso resultou a demarcação de dezesseis novas áreas. Muitas outras estão em processo de estudo e há mais de trinta acampamentos de indígenas sem terra.

No censo do IBGE de 2010, os Kaiowá e os Guarani compõem a segunda etnia indígena mais numerosa do país, com 43.400 indivíduos, dos quais 35.300 vivem em terras indígenas e 8.100 fora.



RESISTÊNCIA KAIOWÁ

"Pise firme que esse chão é seu!" Esse era o slogan de um calçado na década de 1970. A ideia era que crianças, adolescentes e jovens pisassem firme com o calçado azul e branco num Brasil que, na verdade, estava sob uma forte ditadura militar. Foi nessa época (1968), que Geraldo Vandré compôs a canção "Pra não dizer que não falei de flores", que tem na sua primeira estrofe a frase: "caminhando e cantando e seguindo a canção, somos todos iguais, braços dados ou não".

E o que tudo isso tem a ver com o povo indígena Kaiowá?

Leia no quadro a seguir parte da letra de um rap do grupo Kaiowá Brô MC's. Ele pode auxiliar a fazer uma relação entre o slogan "pise firme que esse chão é seu" e a canção de Geraldo Vandré com a realidade do povo Kaiowá.

TI Panambizinho – Dourados/MS

Reserva Dourados, Dourados/MS

Somos mais de 15 mil espremidos na reserva
Enquanto os fazendeiros ocupam a nossa terra
Nativos guerreiros, herdeiros do Brasil Tekoha, Tekoha.
Homem branco hostil, que mata, massacra pra manter os ganhos.
Em memória dos professores mortos em Paranhos
Justiça, justiça, que encontre os culpados.
Se fosse o contrário já estaríamos enquadrados.
Mandado de busca em todas as aldeias.
Enquanto morre índio ninguém vai pra cadeia.
Território sagrado, respeite o nosso espaço.
Devolva nossa terra que, pelo seu avô, foi roubado.

JEROSY PUKU

O povo Kaiowá quer pisar firme no chão que é seu por direito. Aliás, pisar firme faz parte da sua cultura e da sua espiritualidade. Para o povo Kaiowá, "o ser criador levanta a terra porque Ele precisa de um lugar para colocar seus pés e para que os Kaiowá tenham um lugar para seus pés. Ele estica a terra ampliando sua superfície, porque quer que todos os humanos tenham um lugar para seus pés". Os pés adquirem uma importância muito grande nos relatos sobre a origem do mundo e dos humanos. Eles também têm uma grande importância na forma como os Kaiowá mantêm viva essa tradição, nos seus cantos, nas suas histórias e nas suas celebrações.

A cerimônia que celebra a criação e a ocupação da terra (*Jerosy Puku*) é uma caminhada ritual onde os cantores avançam num espaço imaginário, entram e ocupam novos céus e nova terra. Poderíamos dizer que os Kaiowá, na sua celebração, estão "caminhando e cantando e seguindo a canção, aprendendo e ensinando uma nova lição", outro verso da canção de Geraldo Vandré.

Atividade:

Desenhe seu pé ou seus pés. Depois pense um pouco aonde você quer chegar com eles.
Quem você acha que caminha com você?

Misael Concianza Jorge

A NATUREZA ORIENTA E ENSINA

Os rapazes do grupo de Hip Hop Brô MC's cantam em outra canção: "a gente luta pra manter a nossa crença". A espiritualidade Kaiowá e Guarani também se expressa em atitudes e gestos cotidianos que influenciam a vida do povo e que auxiliam na educação de crianças e adolescentes. Veja três exemplos que foram compartilhados por Natanael Vilharva Cáceres e sua família; eles são da Aldeia Porto Lindo, que fica no município de Japorã/MS.

1) Quando o pássaro chamado *Gwiri* canta alegre num lugar, os Kaiowá e Guarani acreditam que, se eles fizerem suas casas ali, terão muitos peixes, animais de caça, fartura. Mas quando *Gwiri* canta triste, eles abandonam o lugar, porque acreditam que o pássaro anuncia algum mal.

2) Muitas mães colocam larvas de milho amarelo, consideradas animais de estimação da divindade protetora do milho, na mão das meninas e moças, por acreditar que assim as comidas e bebidas que elas prepararem serão saborosas.

3) As avós catam as folhinhas cortadas pelas formigas e as colocam numa vasilha de cedro ou numa cabaça com água. Seus netos devem lavar as mãos e o rosto com essa água para serem trabalhadores (como as formigas).

REUNIÃO GERAL: *ATY GUASU*

Aty Guasu

Adriano Morales, da Aldeia Pirajui, município de Paranhos/MS, fala sobre uma reunião muito importante para a organização e a libertação do povo Kaiowá:

"Indígenas Kaiowá e Guarani gostam muito de reunião. Em Mato Grosso do Sul, desde 1986, ocorre uma reunião geral que em nossa língua se chama *aty guasu*. Ela reúne líderes de todas as aldeias. Nela, as lideranças tratam das questões de interesse comunitário. Um tema é a terra e a relação Guarani e Kaiowá com o Estado. Na *aty guasu* escrevem-se documentos que depois são enviados às autoridades. A reunião geral encoraja e anima o povo. Além da *aty guasu* geral, também há *aty guasu* de professores e professoras indígenas, *aty guasu* de jovens e *aty guasu* de mulheres."

ATY GUASU DE MULHERES

Aty Guasu de mulheres

As mulheres Kaiowá e Guarani do Mato Grosso do Sul realizaram uma grande assembleia em maio de 2012, com a participação de parteiras, rezadoras, artesãs, agentes de saúde, professoras e outras lideranças. No documento final deste evento, consta o depoimento de uma das organizadoras, Alda Silva – Nhandesy – da Aldeia Jaguapiru, município de Dourados/MS:

"Nós, mulheres Guarani-Kaiowá, vivíamos como uma lagarta, presa ao tronco das árvores. Durante muito tempo permanecemos caladas e sem voz. Mas hoje vamos acordando nossa consciência para o caminho da transformação até chegar à leveza e liberdade da borboleta. E, como a borboleta, que se alimenta do néctar das flores, buscamos nos fortalecer para enfrentar o mundo e buscar nossos direitos."

EDUCAÇÃO PARA A LIBERDADE

O povo Kaiowá valoriza muito a educação. E ela acontece de diferentes formas. No dia a dia acontece a educação para a vida, para enfrentar os desafios da mata, por exemplo. Veja o testemunho de Valdelice e Natanael sobre alguns aspectos da educação:

TI Panambizinho – Dourados/MS

Ensinando adolescentes a serem atentos na mata

A educação Kaiowá ocorre de forma divertida no seguinte contexto. Os homens adultos convidam os adolescentes para irem caçar. No itinerário constam algumas dificuldades a serem vencidas, tais como passar pelo formigueiro, pelo vespeiro, no meio de espinhos, urtigas e outras plantas que picam. Os adolescentes não são avisados dessas dificuldades. No meio do trajeto eles começam a ser atacados pelos insetos ou picados pelas plantas e tentam resistir. O objetivo é que os adolescentes aprendam a andar no mato, a serem ágeis, a prestar atenção no caminho, a perceber o ambiente. Quando o grupo retorna para casa, todos comentam e riem do acontecido. As mulheres mais velhas são as mais curiosas sobre o desempenho de cada adolescente.

Não é bom ser egoísta

As mulheres prestam atenção na atitude dos meninos quando elas servem a comida, especialmente a carne. Se um menino disser que quer tal porção, geralmente a melhor, a mulher lhe dará exatamente outra, ensinando-lhe com esse gesto a se conter, a não querer a melhor parte para si, pois, segundo a boa tradição Kaiowá, essa é das mulheres e das crianças pequenas.

Educação escolar

Mas o povo Kaiowá também se preocupa com a educação que acontece na escola e na faculdade. Os depoimentos a seguir mostram como isso acontece.

Adriano Morales conta como ele se tornou um professor:

"Eu aprendi a dar aula com uma professora missionária. A missionária chegou em 1980 na minha aldeia e me perguntou se eu poderia ajudar na sala de aula. Eu aceitei. No dia seguinte, ela me convidou a preparar a aula e o material escolar para os alunos. Começamos contando uma fábula em português e vimos que os alunos não entenderam quase nada. Então contamos em Guarani e os alunos participaram e responderam as perguntas.

Então vimos a importância da língua materna na educação indígena. Desde esse tempo na escola da missão primeiro se ensina e se aprende a ler e escrever em Guarani e depois se ensina o português, como segunda língua."

TI Panambizinho – Dourados/MS

A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA ALDEIA

A Escola Indígena Pancho Romero é o ponto de encontro de crianças, adolescentes e jovens da Aldeia Paraguasu, município de Paranhos. O testemunho é do Prof. Huto Vera e da Diretora Analisa Bull Vera.

"Há 20 anos que a primeira escola indígena foi erguida; foi uma construção de pau-a-pique; os assentos eram troncos de árvores. Depois foram construídas duas salas de madeira, onde funcionavam várias séries juntas. A escola de alvenaria foi levantada em 1997. Ela faz parte da luta indígena. Por isso a comunidade colocou o nome Pancho Romero. Ele foi líder da luta pela terra. Nossa escola tem muito apoio da prefeitura. Nós, Huto Vera, Jaci e Kimi, docentes Guarani e Kaiowá, nos encarregamos pela implementação da Educação Escolar Indígena. Os professores mantêm um diálogo aberto com os caciques e tentam lhes mostrar que sua participação na escola é coisa séria. Eles recebem uma gratificação da prefeitura pelo seu trabalho. Eles são mestres tradicionais. Assim, Nérsio Romero (Kuaĩ Mirĩ) e Carmelita Kaiowá, duas vezes por semana, ensinam para as 170 crianças (maioria Kaiowá) da escola a história do povo e da aldeia, a cultura, as comidas, a religião."

Além da educação indígena nas aldeias, existe também um curso na Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, que iniciou em 2006. É a Licenciatura Intercultural Teko Arandu. Este curso é resultado da luta do Movimento dos Professores Guarani e Kaiowá e de indigenistas do estado de Mato Grosso do Sul.

Formandas da turma de 2006 – UFGD
Arquivo da Universidade Federal da Grande Dourados

COMO TRABALHAR COM
O CADERNO E O CARTAZ?

Trabalhar de forma didática e contextualizada com o material da Semana dos Povos Indígenas é um aspecto importante. Por isso, as orientações pedagógicas que seguem querem contribuir no preparo das aulas.

O caderno pode ser lido e estudado individualmente ou em grupo. Durante a leitura, crianças e jovens são estimulados a pensar sobre a forma de viver de um povo indígena e identificar aspectos importantes do povo Kaiowá.

A tarefa da pessoa que orienta os trabalhos será a de animar e facilitar descobertas, criar condições para que crianças e jovens vivenciem e compartilhem suas experiências e conhecimentos sobre os povos indígenas, sempre relacionando-os com a sua própria história de vida e a da sua comunidade.

Na orientação de um estudo em grupo, é importante:

a) Preparar o estudo, lendo todo o caderno, mesmo que o encontro seja somente com crianças. No *site* do COMIN há informações adicionais sobre o tema.

b) Planejar o encontro. É necessário pensar como será a abertura, a motivação para iniciar a discussão sobre o tema, as atividades a serem realizadas e o encerramento.

c) Criar um espaço de participação para que crianças e jovens formulem suas perguntas e pesquisem possíveis respostas.

d) Adaptar as atividades e o próprio texto. Este livro apresenta um povo do Mato Grosso do Sul, com suas especificidades culturais. Neste sentido é bom proporcionar reflexões para perceber diferenças com os povos indígenas que vivem na sua região.

e) Verificar a possibilidade de visitar uma comunidade indígena que vive em sua região ou trazer um grupo para uma conversa com crianças e jovens.

f) Avaliar com o grupo as atividades e reflexões realizadas, para juntos planejarem o assunto e as atividades do próximo encontro.

Além do livro também há o cartaz como importante recurso pedagógico. Pode-se fazer a interpretação do cartaz, identificando aspectos da cultura Kaiowá, ou apontar características relacionadas ou diferenciadas da forma de viver das crianças e jovens. Além disso, pode-se utilizá-lo para introduzir o assunto, motivando para que crianças e jovens representem as cenas mostradas; montar ainda um quebra-cabeça ou outro jogo.

São subsídios organizados com a finalidade de contar e trazer informações sobre a vida de povos indígenas que vivem em território brasileiro. Assim, é um bom material e uma boa oportunidade para refletir sobre a história e a cultura Kaiowá.

PARA SABER mais

PESQUISA NA INTERNET

- **www.comin.org.br** — Caderno para a sala de aula, textos, mitos, fotos, desenhos, histórias e bibliografia.
- **www.cimi.org.br** — O CIMI disponibiliza posicionamentos e informações frente à política indigenista do governo.
- **www.socioambiental.org.br** — O ISA disponibiliza informações e indicações de literatura sobre povos indígenas.

LIVROS

CHAMORRO, Graciela. Imagens especiais utópicas. Símbolos de liberdade e desterro nos povos Guarani. *Indiana*, v. 27, p. 79-108. Berlim, 2010. (Acessível na internet)

PEREIRA, L. M. Demarcação de terras Kaiowá e Guarani em MS: ocupação tradicional, reordenamentos organizacionais e gestão territorial. In: *Tellus*, 10.18 115-137, 2010. (Acessível na internet).

TREIN, A. Hans (org.). *Uma ponte entre mundos*. São Leopoldo: OIKOS, 2010. (Disponível no COMIN).

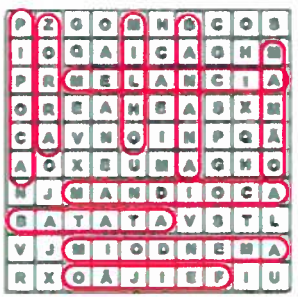
Confira também livros de autores indígenas.

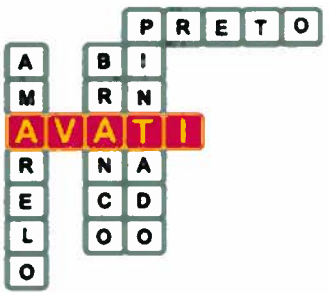
VÍDEOS

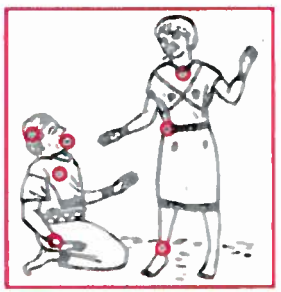
http://vimeo.com/32440717 À sombra de um delírio verde 29min.

http://vimeo.com/32440717 ou http://vimeo.com/34768557 Mbaraka, a palavra que age 26min

RESPOSTAS

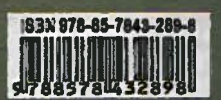




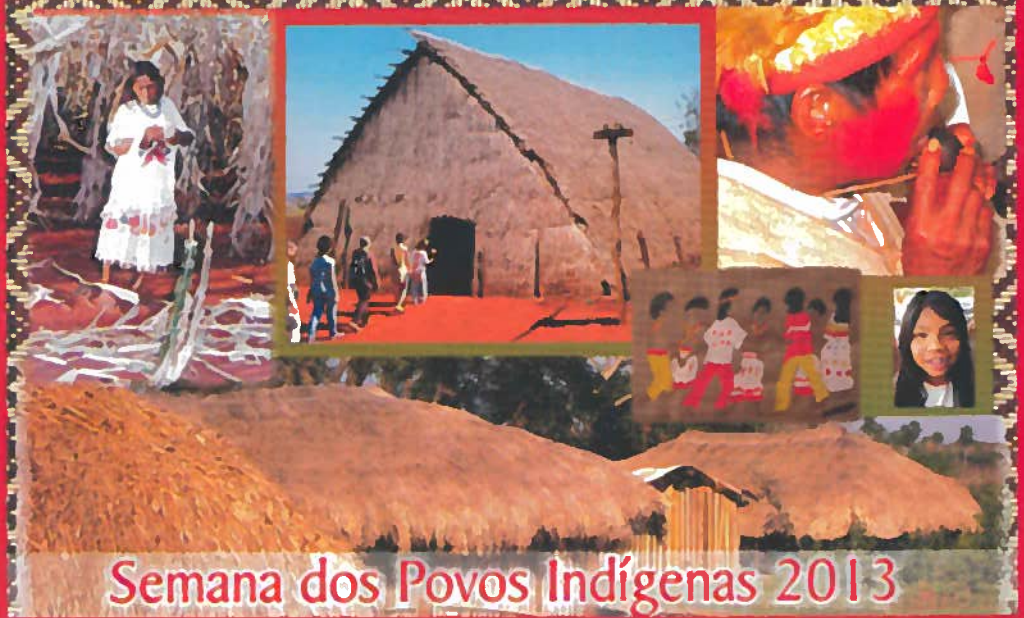


ISAEC – DAI – COMIN

Caixa Postal 14 – CEP. 93001-970
São Leopoldo/RS – Fone/Fax: (51) 3590.1440
cominsecretaria@est.edu.br – www.comin.org.br



Kaiowá: um povo que caminha



Semana dos Povos Indígenas 2013

14 a 20 de abril